

O trabalho de Eduardo Frota organiza-se através de três princípios: um *elemento básico* constitui uma série que, por sua vez, resulta em uma *forma*. Incorpora-se o procedimento de “uma coisa após a outra” de Frank Stella, levado adiante pelo minimalismo, com o diferencial de, mesmo mantido um relativo grau de impessoalidade construtiva, haver a afirmação de uma subjetividade, cabendo a esta última a tarefa de organizar estas *coisas* no lugar onde elas deverão se inserir.

A ocupação da Galeria Sérgio Porto reitera proposições exploradas ultimamente pelo artista: estabelecida a unidade inicial (e aí reside uma relação decisiva entre esta *forma de princípio* e aquela outra *total*), ela busca elucidar uma solução específica frente a dados locais, sem perder a parcela de autonomia reivindicada pelos. No Torreão, em Porto Alegre, havia o preenchimento dos vazios, das áreas não ocupadas pelas massas (paredes, escadas, corredores, etc.); no CCBB-SP, o extravasamento das paredes e o mimetismo de recortes arquitetônicos. Agora, no Sérgio Porto, a expansão se reverte em *cubagem*: uma densa introspecção, que intensifica a presença dos objetos neste interior, em contrapartida à anterior dissipação de energia.

A relação com a arquitetura permanece, porém diferenciada. Sorve-se desta sua configuração de “cubo branco” – que de lugar “neutro” pode beirar o asfixiante, conforme ele é confrontado. O compasso é dado pelo objeto, seus cheios e vazios ritmados regulam a basculação do local, ambos se interpenetram. Mesmo mantido seu caráter de “coisa em si”, estes objetos não se restringem a esta configuração. Eles executam uma espécie de desmembramento operativo do espaço: nas paredes – superfícies – há a projeção; no espaço o volume, como no anúncio de uma épura tátil, ou de uma lógica derivada do cubismo, em que superfície e volume balizam o tensionamento dos limítrofes entre “categorias” espaciais e, conseqüentemente, da experiência do real.

O elo ordenador desta unidade de espaço é o ingresso da cor, notadamente física, expansiva mas não dramática. Deslocada a possibilidade de sublimação, ela evidencia o caráter matérico da instalação e seus elementos imediatamente “não objetivos” (como, por exemplo, a distância entre os objetos). Não se camufla na superfície, mas assinala a dureza de seu grão, sua irregularidade, suas diferentes reações e sustentação física frente aos objetos com os quais se contraiu, em resumo, demarca sua presença.

Pode-se dizer, então, que a poética de Frota é uma transposição - ou talvez um retorno - de toda e qualquer experiência mental para o âmbito do corpo, naquilo em que há sempre a determinação do limite físico das coisas. Caso possa parecer haver um dilema no fato de esta experiência corpórea ter seu ponto inaugural na visibilidade, no embate ótico, convém não esquecer de um dado que talvez desfaça o nó existente em uma suposta contraposição entre o olho e o corpo: o olho, antes (e depois) de tudo, é um pedaço de carne...

GUILHERME BUENO/2003

Historiador e crítico de arte, diretor da Divisão de Teoria e Pesquisa do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, doutorando em História da Arte pela UFRJ.

¹ fonte: Acervo Eduardo Frota in: <https://edufrota7.wixsite.com/atelie>